

REI DUAS VEZES

Jorge Loureiro Figueira

O TEATRÃO

2011

MOTE

O desastre de Badajoz impossibilitou Afonso Henriques de voltar a comandar os seus exércitos. Depois de voltar de Lafões, onde tinha passado alguns meses de convalescença, passou a viver permanentemente em Coimbra. Quer fosse por impossibilidade física quer para não ter de cumprir promessas feitas a Fernando II, não voltou mais a cavalgar. A tradução galega da «Crónica Geral» e a «Crónica dos Vinte Reis» dizem que passou a andar «em anda e a colo de homens» porque tinha prometido a Fernando II voltar para a prisão desde que pudesse cavalgar.

José Mattoso, *História de Portugal*

REI DUAS VEZES

Cenários

Coimbra: o altar-mor da Igreja de Santa Cruz; um quarto de hospital; o caminho até ao rio e o Mondego; uma feira medieval

Personagens

DOM AFONSO I

SACRISTÃO

PEDRO

JOÃO

TIAGO

MAFALDA

INÊS

TERESA

REPÓRTER

Figuras

CÂMARA

GUARDA-REDES

PRESIDENTE

CENA 1

O TÚMULO DE D. AFONSO HENRIQUES NO ALTAR-MOR DA IGREJA DE SANTA CRUZ, EM COIMBRA. UM HOMEM APROXIMA-SE, COM UM TRAJE MEDIEVAL NA MÃO, E RETIRA O ESCUDO QUE ESTÁ POR CIMA DO TÚMULO.

SACRISTÃO: Hoje ides voltar à vida por umas horas, senhor. Quando eu vestir o vosso traje, pegar no escudo e erguer a espada, a feira inteira vai aclamar-vos rei outra vez.

PÕE-SE À ESCUTA. NADA.

Isso é que é ser eterno.

O SACRISTÃO SAI. PASSADO UM POUCO, ENTRAM DOIS RAPAZES DE TRAJES MEDIEVAIS, UM CAVALEIRO E UM ESCUDEIRO, FIGURANTES DA FEIRA MEDIEVAL. ESTÃO IMPACIENTES. JOÃO ASSOBIAM, MAL, PARA SE DISTRAIR.

PEDRO: Puto, tá quieto.

JOÃO: Tá tu.

PEDRO: Tou a ficar com os nervos só de te ver andar!

JOÃO: Não podemos tirar estas roupas?

PEDRO: Depois não nos pagam! Aguenta um bocado.

JOÃO: Ouviste?

PEDRO: Ouvi o quê?

JOÃO: Não ouviste, puto?

PEDRO: Só te ouvi a ti, puto!

JOÃO: Tá aqui alguém.

PEDRO: E tu tás aqui, tás a levar!

CHEGA UM TERCEIRO RAPAZ, ARTESÃO, COM UM SACO DE HAMBURGUERS.

PEDRO: Tanto tempo!?

TIAGO: O que é que foi, meu? Estava muita gente!

JOÃO: Ouve lá, a coca-cola está quente!...

TIAGO: Fosses tu comprar! Ainda é longe!

PEDRO: Não me venhas com desculpas agora, puto!

JOÃO: Pois, quem falou nos hambúrgueres foste tu, puto!

TIAGO: Se não, vocês não vinham!

PEDRO: Eu curto da feira, só não curto é comida medieval!

JOÃO: Este não é o meu.

TIAGO: Cuidado!

O HAMBURGUER CAI AO CHÃO.

JOÃO: E agora?! Não tenho mais dinheiro, meu!

TIAGO: Tu é que devias ter cuidado! Viste o que fizeste? Isto é o túmulo do Afonso Henriques! Vai ficar tudo sujo de ketchup!

FAZ-SE OUVIR UM GEMIDO PROLONGADO.

JOÃO: Chiu! Vocês ouviram?

PEDRO: Ó pá, pára com essa palhaçada, pá, já disse!

JOÃO: Vem aí gente! Escondam-se!

PEDRO: Ó pá, pára, pá!

TIAGO: Aqui!

PEDRO: Onde?

TIAGO: No túmulo!

JOÃO: Merda!

TIAGO: Atrás do túmulo!

ESCONDEM-SE ATRÁS DO TÚMULO. SILÊNCIO. UM ESTERTOR PROFUNDO VEM DE DENTRO DO TÚMULO. O SOM COMEÇA LENTAMENTE A TRANSFORMAR-SE NUMA VOZ HUMANA.

Está alguém lá dentro...

PEDRO: Vamos embora, vamos embora!

TIAGO: Espera, está a tentar dizer qualquer coisa!

D. AFONSO: FFFFFFFFAAAAAAMMMMMMMMEEEE...

PEDRO: Vou bazar!

JOÃO: O que é que ele diz?

TIAGO: Achas que é o Dom Afonso Henriques?

JOÃO: Não vês que é alguém a gozar!? **(PARA O TÚMULO)** Ó palhaço! Sai daí que não nos metes medo!

TIAGO: Mas como é que ele entrou? Isto pesa bué!

JOÃO: Ó ganda palhaço!

TIAGO: Olha aqui, um buraquinho! Quem está aí?

D. AFONSO: FFFAAAAAAAAAAAAAAAAAMMMEE...

JOÃO: Palhaaaaaaço!

O TÚMULO ESTREMECE, DEIXANDO UMA FRESTA POR ONDE APARECE A MÃO DO REI.

D. AFONSO: BENINDE ACÁAAA!

OS TRÊS RAPAZES SAEM DISPARADOS, GRITANDO EM UNÍSSONO. NA FUGA, TIAGO ATRAPALHA-SE E CAI, FICANDO PARA TRÁS.

TIAGO: Não me faça mal, não me faça mal, não me faça mal, não me mate!

D. AFONSO: STOU MUORTO DE FAAAAAAME! QUERO COMEEER!

TIAGO PEGA NO HAMBURGUER PARA DAR À

MÃO DE D. AFONSO, QUE RAPIDAMENTE FAZ DESAPARECER A COMIDA.

SEEEEEEEDE! MORROOOO DE SEEEEEDE! QUERO BEBEEEEER!

TIAGO PEGA NUM COPO DE COCA-COLA, QUE PASSA PARA DENTRO DO TÚMULO. OUVES-SE O RUÍDO DE D. AFONSO A SORVER O LIQUÍDO ATÉ À ÚLTIMA GOTA E DEPOIS UM GIGANTESCO ARROTO QUE ECOA NAS PAREDES DA TUMBA. SILÊNCIO. OS OUTROS REGRESSAM E FICAM À ESPREITA, ATENTOS. PEDRO E JOÃO ENCORAJAM TIAGO A OLHAR PARA DENTRO DO TÚMULO. QUANDO OLHA, OUVES-SE UM RESSONAR PROFUNDO, QUE A PRINCÍPIO O ASSUSTA, MAS DEPOIS O TRANQUILIZA.

TIAGO: Não se consegue ver nada!

PEDRO: Usa o telemóvel, estúpido!

JOÃO: Espera, vou filmar! As gajas vão ficar roídas de inveja por não terem vindo connosco.

TIAGO USA A LUZ DO TELEMÓVEL PARA VER QUEM É QUE ESTÁ LÁ DENTRO. JOÃO FILMA. O TÚMULO FECHA-SE PASSADO UM SEGUNDO.

PEDRO: Quem era?

JOÃO: É o que faz de Rei na feira medieval!

TIAGO: Não pode ser, ele já devia estar na feira!

JOÃO: Foi!

OUVEM-SE VOZES ENTRANDO NA IGREJA. OS RAPAZES ESCONDEM-SE. ENTRAM UM ACTOR VESTIDO DE REI, O MESMO DO INÍCIO, CONVERSANDO ANIMADAMENTE COM UMA REPÓRTER DE TV, SEGUIDOS DE UM CÂMARA.

SACRISTÃO: Isto para mim, é sagrado. Todos os anos meto férias nesta altura, para poder fazer parte da feira medieval. A igreja fica mais tempo fechada, mas são só uns dias. Também já fiz de bobo, as pessoas dizem que eu tinha muita graça, mas o senhor prior não gostou da ideia, e desde há dois anos sou que que faço de rei - o outro rapaz teve o acidente, coitado, eu até gostava de o ver a fazer de rei. Mas eu estou aqui há tantos anos, conheço tão bem a história, faz sentido que seja eu, não acha?

REPÓRTER: Mais ao meio, por favor. Isso, assim. Pronto.

SACRISTÃO: Digo-lhe, menina, nós precisávamos era de um homem como aquele, hoje.

REPÓRTER: Desculpe, ainda não estava a gravar. Pode repetir, por favor?

SACRISTÃO: Digo-lhe, menina, nós precisávamos era de um homem como aquele, hoje.

REPÓRTER: Não é preciso repetir tal e qual. Mais espontâneo.

SACRISTÃO: O país precisava de um homem como ele, hoje.

REPÓRTER: Sim, sim, claro, o mais possível. E como foi que começou a sua participação na feira, com o escudo do primeiro rei?

SACRISTÃO: Oh, sabe como é, calhou em conversa... O escudo não pode ficar nas mãos de qualquer um! Eu disse ao ensaiador que devíamos usar o escudo verdadeiro. Foi neste escudo que D. Afonso foi aclamado rei, na batalha de Ourique. O jovem cavaleiro D. Afonso foi erguido no escudo e aclamado pelos cavaleiros e nobres de todo o condado portugalense. E depois da morte dele, o escudo foi posto aqui no alto. Quem toma conta do escudo sou eu. Não pode ser qualquer um a usar o escudo.

REPÓRTER: E a espada? Fale-nos da espada.

SACRISTÃO: D. Sebastião levou-a para Alcácer Quibir, mas no último momento, quem sabe por intervenção divina, ficou esquecida no navio e depois foi devolvida aos crúzios. Está em exposição na Feira Medieval. É enorme. Há também uma espada mais pequena, que é a que eu uso com o escudo, nas reconstituições históricas.

REPÓRTER: E onde o encontrou?

SACRISTÃO: Estava com o escudo! Não estava lá dentro. Não se consegue abrir, ó.

EXEMPLIFICA. A LAJE NÃO SE MEXE.

REPÓRTER: O senhor trabalha aqui, certamente dorme aqui ao lado, e

faz de Dom Afonso Henriques nas feiras medievais. O seu destino cruza-se com o do primeiro rei. Além disso, já tem uma certa idade, certamente acompanhou as mudanças históricas e políticas em Portugal. Se mandasse, o que mudaria no nosso país?

SACRISTÃO: Eu não sei... Eu... Olhe, mudava muita coisa!

D. AFONSO: CHHHHHIU.

REPÓRTER: Desculpe?

SACRISTÃO: Perdão?

D. AFONSO: Quedos!

REPÓRTER: **(PARA O CÂMARA)** Estamos a sair de campo? **(PARA O SACRISTÃO)** Não se mexa, senhor Teles, por favor, fique onde está.

D. AFONSO: Leixai el-rei em paz!

REPÓRTER: Sim, sim, claro, o mais possível.

SACRISTÃO: Eu não...

REPÓRTER: Uma última pergunta. O ano passado houve uma grande polémica por causa da proibição de abertura do túmulo para pesquisa científica. O senhor certamente já pensou em espreitar lá para dentro, não?

SACRISTÃO: Eu não disse nada!

REPÓRTER: É, portanto, a favor.

SACRISTÃO: Não. Nem favor nem contra. Quem ia fazer isso? Para quê? É só ossos, ainda se evaporam no ar! Não está aqui nada que valha a pena, menina. Vão descobrir que ele afinal é baixinho e depois... Já pensou na imagem com que as pessoas ficavam? E os outros países da Europa? Íamos ter um rei que era um bobo? Dom Afonso Henriques era quase um gigante . Por isso é que eu uso estes coturnos durante a feira.

REPÓRTER: Não tem curiosidade?

SACRISTÃO: Não, ora essa... Sabe, eu aprendi muito com o cónego, que era um estudioso dos feitos heróicos do nosso primeiro rei. Tudo o que sei devo-o a ele. E eles sabiam o que estava aqui. Foram passando de pai para filho. Olhe, as pessoas vêm-me na rua. Vêm cumprimentar-me. Algumas pedem-me opiniões, conselhos, e eu dou. Ponho-me a pensar: se fosse o Dom Afonso Henriques, que faria ele? E respondo. E acerto. E tudo porque conheço o rei como a palma da minha mão, graças aos ensinamentos do cónego. Coitado, já desapareceu. E depois, já viu a força que era preciso?

EXEMPLIFICA. DESTA VEZ A LÁPIDE CEDE.

Isto tem a mão de alguém!

O SACRISTÃO ESPREITA E VÊ OS RAPAZES ATRÁS DO TÚMULO.

JOÃO: Não fomos nós, não fomos nós! Nós só queríamos comer hambúrgueres porque não gostamos da comida da feira

medieval e na nossa terra ainda não há macdonalds!

TIAGO: E estas roupas são muito quentes!

PEDRO: E 'tá uma ganda calor na rua! Aqui está fresquinho.

JOÃO: Mas não fomos nós! Ele é que se enfiou aí dentro!

SACRISTÃO: Ele quem?

D. AFONSO: SILÉEEEEENÇO!

SACRISTÃO: Ai que desgraça! Saia já daí, homem, antes que estrague alguma coisa! Quem se enfiou aí?!

D. AFONSO: Non cooinces mando de tu duono i senior? Talvez cooinças lo claron de la spada... Adonde stá ma spada? Ma spada?!

UMA MÃO ERGUE-SE DE DENTRO DO TÚMULO.

REPÓRTER: **(PARA O CÂMARA)** Grava tudo, grava tudo!

SACRISTÃO: Não, não, ninguém pode saber disto! Xô! Para dentro, para dentro!

SACRISTÃO TENTA FECHAR O TÚMULO MAS NÃO TEM FORÇA SUFICIENTE.

DOM AFONSO: A puorta! Al pra fuora, homes, al pra fuora! Al pra fuora, scatrapuiaar, scatrapuiaar.

SACRISTÃO: Ajudem-me, paspalhos! Se não ficam com as culpas todas disto! Ele vai matar-nos a todos!

OS RAPAZES TENTAM AJUDAR. A MÃO DE D.

AFONSO EMPURRA UM POUCO MAIS A LÁPIDE, O SUFICIENTE PARA COMEÇAR A PASSAR A CABEÇA, MAS LOGO O GRUPO CONSEGUE FECHAR O TÚMULO. DE LÁ DE DENTRO OUVEM-SE BERROS ABAFADOS QUE NÃO SE ENTENDEM.

O senhor está preso, em nome da lei!... Por profanar o túmulo de outra pessoa! Sem autorização dela!

A REPÓRTER PRECIPITA-SE PARA O TÚMULO, APONTANDO O MICROFONE.

REPÓRTER: O senhor... Como se sente? Porque se fechou aí dentro? O senhor... é tipo um... um vagabundo?... Como se sente?

SACRISTÃO: Sua idiota! Não vê que é D. Afonso Henriques?!

D. AFONSO: FAAAAAAAMMMMMMEE...

REPÓRTER: O rei? Mas como é possível? O senhor é... certamente... um vampiro?!...

SACRISTÃO: Acabou a entrevista! Esta área está interdita! Pode ir filmar a feira medieval, entrevistar quem quiser, mas aqui não. Deixe-se de fantasias. Isto é um vagabundo! É um caso de polícia! E eu preciso chamar a polícia. Vocês vão-se embora também, se não querem ser presos! Vá, aproveitem. Desta vez passa, mas para a próxima... Vá, por favor, saiam todos.

O SACRISTÃO FICA SOZINHO NO ALTAR-MOR, SEM SABER O QUE FAZER. PÕE-SE À ESCUTA.

PASSADO UM POUCO GANHA CORAGEM E FALA.

Senhor? Dom Afonso, alteza... Sou eu. O mais fiel vassalo que sua alteza pode querer. Todo este tempo... Nunca pensei que me estivesse a ouvir... Mas senhor, o mundo lá fora é muito complexo... As pessoas não iam compreender... Passaram quase mil anos... é melhor irmos devagar... Seria um choque... Eu serei um porta-voz fiel dos vossos mandamentos, Dom Afonso... Podemos usar os meios de comunicação...

SILÊNCIO TOTAL. O SACRISTÃO LEVANTA-SE E PEGA NO TELEFONE PARA LIGAR À REPORTÉR.

Olá, daqui é o Dom Afonso Henriques... Não, o actor. O sacristão. Queria pedir-lhe desculpas, há pouco exaltei-me. Não, está tudo explicado, não, não era um sem-abrigo que se escondeu aqui na igreja. Realmente era El-rei Dom Afonso Henriques. Está bem. Um pouco cansado. E ele está disponível para ser entrevistado. Mais tarde, mais tarde. Não, eu faço de intérprete. Marca comigo. Não, as beatas estão a chegar para o terço. Eu vou ter consigo agora para lhe contar a história toda. Claro. Não, eu vou ter consigo.

CONFERE SE O TÚMULO ESTÁ FECHADO.

Eu volto assim que acabar para contar como foi.

PEGA NO ESCUDO E SAI.

CENA 2

OS TRÊS RAPAZES REGRESSAM AO ALTAR-MOR, ACOMPANHADOS DAS TRÊS AMIGAS - MAFALDA, TERESA E INÊS, TRAJADAS DE DONZELA, AMA E LAVRADORA - QUE VÊM UM POUCO MAIS ATRÁS. TRAZEM COMIDA QUE RECOLHERAM NA FEIRA MEDIEVAL. OS RAPAZES TENTAM EMPURRAR A LAJE DO TÚMULO, SEM SUCESSO. JOÃO DIRIGE-SE AO BURAQUINHO, SUSSURRANDO.

TIAGO: D. Afonso!

INÊS: JOÃAAAAO! PEDRO! TIAGO! Esperem por nós.

JOÃO: Pouco barulho! Estamos aqui!

TERESA: Onde é que ele está?

TIAGO: **(APONTANDO O TÚMULO.)** Lá dentro!

MAFALDA: Vocês estão a gozar!

TERESA: Isto foi tudo só para trazermos a comida, não foi?

JOÃO: Olha, isto é verdade, é mesmo verdade, vais ver. Eu não acreditava, mas é ele, é ele em carne e osso. Só que está muito fraco, mas mesmo assim, se visses, ele abriu a tampa do túmulo sozinho!

TERESA: És mesmo parvo, achas que eu acredito nessa história?

JOÃO: Vais ver.

INÊS: Deve ser um pobrezinho...

MAFALDA: Cá para mim era o sacristão!

TIAGO: O Sacristão? O Sacristão?! Tu é que és parva! O Sacristão é que o fechou ali! Ele não quer que o Dom Afonso Henriques volte! Quer ser ele a estrela da feira medieval!

PEDRO: Temos de levá-lo para outro lugar, antes que o Sacristão venha!

JOÃO: Olha aqui, olha aqui, tá qui. Não tá qui? Não tá qui filmado? Queres ver? Alteza... Alteza... Somos nós, outra vez. O meu nome é João. Estou aqui com o Pedro e o Tiago. Desculpe lá aquilo de há bocadinho, nós não tínhamos percebido... Ficámos assustados.

NENHUMA REACÇÃO.

TIAGO: O sacristão fez alguma cena. Ficou sozinho e se calhar fez alguma cena. Deixa-me ver.

JOÃO: Estou a tentar, meu puto, espera. Isto é como nos filmes, não percebes, ele está assim numa espécie de estado de coma. Não percebes. Se nós falarmos e dissermos as coisas certas, ele pode acordar a qualquer momento. Não percebes nada.

TIAGO: E acordou com o quê, há bocado?

JOÃO: Não sei, meu, se calhar foi por ouvir vozes diferentes, aqui é só cotas! E depois, com o choque, caiu outra vez no coma. Tu não vês televisão, depois não percebes as cenas.

TIAGO: E quem é que sabia onde era o túmulo do Afonso Henriques, meu?!

JOÃO: Queres conversar com as miúdas e depois não tens tema de conversa.

PEDRO: Chiu. Ele mexeu-se. Não ouviram?

TIAGO: Alteza... Desculpe estarmos a discutir assim à sua frente... Nós também queríamos pedir desculpa pelo hambúrguer e pela coca-cola... Não é comida de rei, claro, mas...

JOÃO: Devíamos ter trazido Burguer King.

TIAGO: Desta vez trouxemos comida da sua época. Nós não somos de cá, viemos da Lousã. Vossa alteza conhece, derrotou lá os árabes e os espanhóis mais de uma vez. Com certeza se lembra. Bom. Enfim.

JOÃO: Queres ver que ele acorda já? Ó palhaço. Palhacinho...
PALHAAAÇO!

UM URRO MONUMENTAL SEGUIDO DE UM ESTRONDO CAUSADO PELO DESLOCAR DA LAJE FAZ OS RAPAZES RECUAR.

TIAGO: Depressa, a comida, a comida.

COMEÇAM A PASSAR A COMIDA LÁ PARA DENTRO, COM MEDO E CURIOSIDADE.

MAFALDA: Ele está muito fraquinho.

TERESA: Quantos anos terá ficado sem comer?

INÊS: Deve ter cá uma fome...

D. AFONSO: Ah, puorta do caraiio, ferroio da puorra, fodeides ma gâmbia! Homes, fugi, fugi! Pra fuora! A Portucale! Ao paço! A mi, anfiéis, que acá me quedo! Beninde acá, cabros, beninde, porbar a lámina que bos bai fatilar a lengua i esbouceiaar os dientes! Hei por nome Anriqueç, fi de Anrique! (PAUSA) Adonde stou? Adonde stamos? Acudi bosso rei! Ande stou iou?

TIAGO: (**FALANDO DEVAGAR.**) Nós estamos no mosteiro de Santa Cruz!

D. AFONSO: Chamai D. Telo! D. Telo! Adonde stá D. Telo?

MAFALDA: Tu percebes o que ele diz?

TIAGO: (**PARA MAFALDA.**) É português antigo! Se prestares atenção também percebes. (**PARA D. AFONSO.**) D. Telo morreu.

MAFALDA: Não digas as coisas assim, ele pode ter um choque e ficar em coma outra vez!

D. AFONSO: Morto? D. Telo morreu? E san Teotonio?

MAFALDA: Também... Foi já há algum tempo...

D. AFONSO: E Sancho? Chamai mio fiio, e su mai.

MAFALDA: Também já não estão connosco...

D. AFONSO: Agora antendo, agora antendo, stava a soniar cum els... Clarico. Dormi de bien... Bós sedes rapazotes... Graciias

por o trato, graciosas por o quemido. Nun habeis pasteles? Siempre ao spertar antooia-me pasteles. Antooia-me os de Tentúgal, nun habeis?

INÊS: Podemos ir buscar...

D D. AFONSO: Non, a meia tarde, armanas, a meia tarde. San antooices de béio. Aora, bamos, ao paço. Stou bien çpuosto, mui bien çpuosto!

TENTA LEVANTAR-SE MAS TEM DIFICULDADES.

MAFALDA: Mas, alteza, ainda não está bom, precisa descansar mais um pouco. Comer tudo, para ficar em condições.

D. AFONSO: Mas... adonde sta ma corte rial?

PAUSA. DE SÚBITO:

TIAGO: Morreram todos! E vossa alteza também!...

MAFALDA: Tiago, és parvo?

INÊS: Ganda estúpido!

TERESA: Atrasado mental!

D. AFONSO: Silénço, armanas, SILÉNÇO! Tu, boca sin atadeiro... si, tu, aguilucho. Tou nome Tiago?... dezis que morto sou. De quando? Zanferruja a léngua, caraiio. Sou morto? Nun, stou acá, bibo!

TIAGO: Sim e não... Vossa senhoria estava doente. Morreu. E voltou à vida.

DOM AFONSO NÃO CONSEGUE ESTAR DE PÉ.

D. AFONSO: Morro de sede...

MAFALDA PASSA ÁGUA AO REI.

Anton... Stamos no fin do tiempo?

TIAGO: Não, mas passaram muitos anos.

D. AFONSO: Ai... ma gâmbia... Si nun fora por ma gâmbia... Bamos, acudi, o mou scudo? Ma spada? Ah, puorta do demo, ma gâmbia! Persinto amalinamento. Leixai el-Rei, leixai.

O REI DEITA-SE.

Leixai el-Rei em paz.

O REI ADORMECE.

JOÃO: Puto, ele é bué pequeno.

PEDRO: Achas que mirrou com a idade?

JOÃO: Ele nem está vestido como os reis...

TIAGO: As roupas apodrecem ao fim de novecentos anos.

JOÃO: Ouve, ele, tipo, nem fala assim, tipo, a nossa língua!

PEDRO: E aquela conversa da porta e da perna, e da perna e da porta? Vocês perceberam?

JOÃO: Se calhar é só um bêbado.

PEDRO: Espanhol.

TIAGO: Ele tem uma perna partida.

MAFALDA: Como é que sabes?

TIAGO: Vem nos livros. (**SACA DA MOCHILA UMA EDIÇÃO MUITO COÇADA DA ‘HISTÓRIA DE PORTUGAL EM BANDA DESENHADA’.**)

MAFALDA: Esse livro também parece ter uns séculos...

TIAGO: (**LENDO.**) Depois do desastre de Badajoz Afonso Henriques não voltou a comandar os seus exércitos, porque deixou de cavalgar. O rei de Leão veio em auxílio dos alm – almó – Almóadas.

JOÃO: Os Almôndegas?

MAFALDA: Tá calado, quero ouvir.

TIAGO: Os mouros fizeram uma surtida inesperada de dentro da Al –alcáçova.

MAFALDA: (**PARA PEDRO.**) Nem te atrevas.

TIAGO: Conseguiram chegar às portas exteriores e abriram-nas, permitindo a entrada dos aliados. Geraldo-sem-Pavor e Afonso Henriques tiveram de retirar às pressas. Foi então que o rei de Portugal partiu uma perna, quando, ao tentar fugir, chocou contra ferrolho de uma das portas da muralha exterior. Levado pelos seus, foi pouco depois capturado por cavaleiros leoneses e conduzido à presença de Fernando II, seu genro. Este concedeu-lhe liberdade, desde que cessasse os ataques a Badajoz. O rei de Portugal voltou para

Coimbra e, depois de uma cura nas Termas de São Pedro do Sul, que já existiam, passou a andar «em anda e a colo de homens» porque tinha prometido a Fernando II voltar para a prisão assim que pudesse cavalgar.

MAFALDA: Ele está vivo! As pessoas têm de saber que está vivo!

INÊS: Mas como é que o levamos daqui? Está bué da fraco!

MAFALDA: Podemos usar um dos carros da feira.

TERESA: Como se ele estivesse morto! Ou ferido!... É melhor ferido.

INÊS: É perfeito, ninguém vai dar por nada. Vão pensar que faz parte da feira!

MAFALDA: Vão buscar o carro, rápido, antes que o Sacristão volte.

OS RAPAZES HESITAM. TIAGO PASSA O LIVRO A MAFALDA.

TIAGO: Toma isto, caso ele acorde.

MAFALDA: Para quê?

TIAGO: Agora não tenho tempo de explicar!

INÊS: São as notícias! O teu pai não lê as notícias de manhã? Ele também deve querer saber o que aconteceu desde que morreu!

MAFALDA: Mas ele sabe ler?

TERESA: Du-uh! Por isso é que o Tiago trouxe a história em banda desenhada!

INÊS: Claro que sabe ler, os reis dantes sabiam ler.

OS RAPAZES VÃO. AS RAPARIGAS VELAM O REI.

TERESA: Temos de filmar tudo para pôr no Youtube.

INÊS: Temos é de chamar a repórter para filmar tudo!

TERESA: És maluca? Nós é que descobrimos isto e ela é que fica com a fama toda?

INÊS: Espera, já sei. Quando for a cena do Dom Afonso Henriques na feira medieval, aparece ele, o verdadeiro Dom Afonso Henriques, e fala às pessoas.

TERESA: Mas assim ninguém acredita. O outro tem o traje, o escudo e a espada.

INÊS: Temos de lhe sacar isso!

MAFALDA: Mas este tem a perna partida! Quem é que ia partir a perna de propósito para se passar por rei?

TERESA: E se o levássemos para a universidade? Para o departamento de História? Eles podiam fazer testes e comprovar que ele é o rei!

MAFALDA: Levamo-lo para a câmara municipal. É aqui ao lado, e é um lugar mais nobre!

TERESA: Oh! E como é que entramos na câmara?

MAFALDA: A gente faz de conta que é teatro, e depois quando estivermos lá dentro, ele vem à varanda fazer um discurso!

INÊS: Mas ele vai entrar em choque assim que sair daqui!

TERESA: E se o levássemos antes para o hospital? Podiam tratar da perna. E lá os médicos podiam fazer testes de ADN e provar que o rei é ele! E... Nós temos de avisar o presidente da república!

D. AFONSO VOLTA A SI.

D. AFONSO: Armanas... Quem é meu ardeiro no trono? Passado Sancho, quem?

MAFALDA: Afonso II, o seu neto.

D. AFONSO: Chamai Afonso.

MAFALDA: Ele... Está a combater os infiéis, Alteza.

D. AFONSO: Adonde, criatura? Meu fi nun conquistou quanto habia?

MAFALDA: Longe, muito longe. Temos de cuidar da sua perna, alteza. Não pode combater assim.

INÊS: Diz a verdade, Mafalda.

D. AFONSO: Armana, iou nun stou por cercos i fossados... Leixai el-rei. Chamai Afonso. Adonde stá?

TERESA: Ó pá, não mintas, pode ser pior!

MAFALDA: Alteza... Ele... está a combater os infiéis no além. Quer dizer... Esqueça. Está tudo aqui neste livro... É difícil de explicar.

TERESA: Alteza, passaram muitos anos desde que adormeceu...

Lembra-se de uma princesa, que viveu no seu tempo, num reino loooonge, de certeza que ouviu falar, de certeza que se falou muito nisso na época? Chamava-se a bela adormecida. Foi mais o menos o que lhe aconteceu. E entretanto, passaram quase nove séculos.

D. AFONSO: Anton num alembro? Princesa Aurora! É ma prima, per parte de mou pai. Mas anton, é cordada? Adonde stá?

TERESA: Acordou, mas já morreu...

D. AFONSO: Oh... nada nin nium do mou mundo bibe? Inda Roma eisiste? O Papa?

MAFALDA: Sim, claro, sim, existem.

D. AFONSO: A Terra Santa tem crestianos?

MAFALDA: Tem. Tem.

D. AFONSO: E o reino de Portucale, quales san sas frunteiras?

MAFALDA: As mesmas, praticamente.

D. AFONSO: Nada demudou, anton? Dius mandou-me a ber mundo otra beç al pra que fin? Acrecentar qual cousa?...

MAFALDA: Bom, o rei já não existe. Existe, mas o reinado agora é de uma espécie de ajudante, o primeiro-ministro. Vivemos numa república, como as da antiga Roma, do Império Romano.

D. AFONSO: Leixa. Num quero governar. **(PAUSA.)** Acudi acá, a levar meus ossos ao rio. Quero ber augas rieras.

TERESA: Mas nós precisamos de um rei como o senhor, D. Afonso!

O SACRISTÃO APARECE.

SACRISTÃO: Como é que entraram aqui? Vocês têm de se ir embora, meninas. A igreja está fechada.

MAFALDA: Nós já estamos de saída.

SACRISTÃO: Este senhor está muito doente, não vos pode acompanhar.

TERESA: Não mandas em nós, tu.

SACRISTÃO: Mas o que é isto!? Quem é que vocês pensam que são? Fora daqui, já!

INÊS: Não se preocupe, Alteza, nós ficamos aqui consigo.

SACRISTÃO: Deram-lhe mais comida? Querem matá-lo de vez! Não sabem ler? Está aqui escrito: Não alimentar os defuntos. Vai tudo preso, vão ver! O lugar dos mortos é nos túmulos!

D. AFONSO: Iou cooiço tu boç de strompeta. Tu. Si, tu. Que nun és rei nem segrel. Tu. Beninde acá. Beninde acá sentir mio oulor fediondo. Stou mil anos ancerrado acá, alancando, alancando, sin quemido niun. O almuorço que teni, a purmeira cousa de comer em nuobe seclos, foi un cacha de pam con chicha molida i um quartiio de auga melada, ambitado por as armanas acá. Elas san crestianas de Portucale. Apareces-me anfiél... Nan sarás tu a impedir Anriqueç de mirar augas rieras. Non... Bamos, cruzados, à cunquista! Aos anfieles, senhor, aos anfieles, i nom a mi, que creo en o que podeis! Beninde acá, porbar a lámina de

Anriqueç, fi de Anrique! Adonde stá ma spada?!

**D. AFONSO ARREMETE CONTRA O SACRISTÃO
MAS AS PERNAS TRAIEM-NO E CAI, PERDENDO
OS SENTIDOS.**

CENA 3

O REI ESTÁ NO HOSPITAL, APÓS UMA INTERVENÇÃO CIRÚRGICA PARA TRATAR DAS PERNAS, PRESO À CAMA. A SEU LADO, O SACRISTÃO FALA COM A REPÓRTER. UM TELEVISOR DEBITA NOTÍCIAS, ENTRE AS QUAIS A DA SEGUNDA VIDA DE AFONSO HENRIQUES. A REPÓRTER APROXIMA-SE E PEGA NO LIVRO DE HISTÓRIA PARA VER DE QUE SE TRATA. AFONSO ACORDA SUBITAMENTE.

D. AFONSO: Ah, ma gâmbia!

REPÓRTER: D. Afonso, falai para aqui! (**APONTA A CÂMARA. D. AFONSO ESTÁ COM O OLHAR FIXO NA TV.**) Para aqui! Como se sente?

D. AFONSO: Fuora! Al para fuora!

SACRISTÃO: Senhor, não é nada, já passou... Olhe para aqui. (**APONTA PARA A TV.**) Olhe os bonecos, olhe os bonecos.

D. AFONSO: Leixai bosso rei! Leixai...

O REI ADORMECE.

SACRISTÃO: A anestesia... sabe como é.

REPÓRTER: Estou farta de esperar.

SACRISTÃO: A menina tem que ter paciência.

REPÓRTER: Mas eu não sei se aguento mais, senhor Teles! Estou há

dois dias comer pizzas de encomenda! E o café da máquina é uma porcaria!

SACRISTÃO: Quer que eu chame outro jornalista?

REPORTÉR: Não, não, não, não...

SACRISTÃO: A espera vai compensar.

REPÓRTER: Podíamos fazer um take das pernas, as pessoas estão curiosíssimas.

SACRISTÃO: Das pernas?

REPORTÉR: Sim, toda a gente vai ficar comovida, é uma boa história, a cura de D. Afonso.

SACRISTÃO: Não, nem pensar, nunca falámos disso. As pernas não, as pessoas podem perceber que ele era baixinho.

REPÓRTER: Mas ele era baixinho. Eu também sou baixinha. Qual é o mal?

SACRISTÃO: A menina não é rainha.

REPÓRTER: Os portugueses são baixinhos.

SACRISTÃO: Por isso é que ele é o rei!

REPÓRTER: Mas a história é essa, é o milagre das pernas! Ele esperou estes anos todos para acordar numa época onde já o pudessem tratar.

SACRISTÃO: Não, não, não, se as pessoas vêem que as pernas não são dele, vão perder o respeito. Vá falar com os médicos,

entreviste-os.

REPÓRTER: Senhor Teles, eu já falei com os médicos todos deste hospital.

SACRISTÃO: Quer que eu diga mais alguma coisa, então?

REPÓRTER: Já gravámos o testemunho do senhor Teles cinco vezes.

SACRISTÃO: Mas terá ficado bem?

REPÓRTER: Eu preciso de imagens do rei!... Daqui a pouco pensam que é tudo mentira! E o senhor é que vai ficar mal visto!

SACRISTÃO: Não senhora. Temos de esperar pela selecção nacional.

REPÓRTER: Eles não vão dizer nada de jeito!

SACRISTÃO: Não diga isso, é o guarda-redes que vai subir. Ouça, vai valer a pena. O espectáculo vai ser maior. O que faz o rei é respeito dos vassallos. Se vamos mostrar um rei adoentado, as gentes perdem a esperança. Mas se o guarda-redes, que é um herói nacional, estiver ao lado dele...

REPÓRTER: Eu não aguento mais isto. E esta TV, ligada o dia todo, já me está a pôr doida!

SACRISTÃO: Não, não, não! É a única coisa que o acalma.

REPÓRTER: Mas ele não percebe nada!

SACRISTÃO: Percebe tudo! Está sempre à espera de coisas sobre Jerusalém.

REPÓRTER: Ele já sabe o que é a selecção nacional?

O REI ACORDA.

- D. AFONSO: Adonde stou iou? Porquei me angancham?
- SACRISTÃO: Perdão, Alteza, perdão! É por causa dos seus ossos! Tem que ficar paralisado por algumas horas para as cicatrizes sararem e os ossos novos ficarem no lugar. São médicos milagrosos, alteza, ligados ao nosso mosteiro.
- D. AFONSO: Si, medecina... Necito arribar, al pra scatrapuiaar mior... Mas... al pra que san as ciias? Quien me angancha de ciaas? Benindes a mando de Fernan?
- SACRISTÃO: Não... sou seu, alteza! Os tempos são outros, já não estamos no tempo de Fernando. Isto é para imobilizá-lo, é como uma tala, para os ossos não saírem do lugar.
- REPÓRTER: Fale para aqui, Alteza, fale para aqui. Aqui para esta trompeta.
- D. AFONSO: Nun no é strompeta, isso!
- REPÓRTER: É parecido. É uma câmara.
- D. AFONSO: Quereis ambudar al paleio tu rei? Iou nun beijo que é um speiio fusco i bacenton?
- REPÓRTER: Sim, mas que tem a sua imagem e a sua voz. Por aqui passa o seu rosto, e por aqui a sua voz, neste canudo com esponja. Por aqui pode falar a Portugal inteiro.
- D. AFONSO: Pintiparado como se iou ditara uma eipístola? Uma eipístola a Portucale todo?

REPÓRTER: O seu povo, Alteza. O seu povo, os seus cavaleiros, toda a população do reino. E também, com o tempo, de outros países.

D. AFONSO: Roma i Jarusalen?

SACRISTÃO: Vai aparecer ali na televisão. Te-le-vi-são.

D. AFONSO: Ma cara bai por a strompeta de eipístolas i bem por a caixa de speioos? Assi pintiparado?

SACRISTÃO: Ó, as pessoas que estão lá fora, e noutras terras e castelos. Para o escutar!

D. AFONSO: Tenio fame.

SACRISTÃO: Temos de esperar pela refeição, alteza.

D. AFONSO: Tenio fame! Stou muorto de fame! Quereis matar bosso rei de fame?

SACRISTÃO: Não, não!...

A REPÓRTER PROCURA ALGO EM VOLTA E ACABA POR PASSAR AO REI UM PEDAÇO DE PIZZA RESSEQUIDA.

REPÓRTER: Aqui tem. Pizza.

D. AFONSO: Pitsa.

SACRISTÃO: Aí está, Jerusalém.

NA TV OUVEM-SE AS NOTÍCIAS:

LOCUTOR: "O RESULTADO FORAM DEZ VÍTIMAS MORTAIS E TRINTA E UM FERIDOS GRAVES."

SACRISTÃO: Olha, agora somos nós, somos nós!

LOCUTOR: "DOM AFONSO HENRIQUES CONTINUA A DAR SINAIS DE MELHORIA E OS MÉDICOS ACREDITAM QUE PODERÃO INICIAR A INTERVENÇÃO CIRÚRGICA DESTINADA A CURAR O FERIMENTO DA PERNA FEITO EM BADAJOZ, NO ANO DE 1169. MUITO EM BREVE, O ESTADO DE SAÚDE DO REI -".

O REI VÊ O GRUPO DE RAPAZES E RAPARIGAS NA RUA, COM FAIXAS ONDE SE PODE LER "SOLTEM O REI"; "O REI É DE TODOS OS PORTUGUESES".

"VAMOS EM DIRECTO PARA O LOCAL, ONDE SE ENCONTRA A NOSSA REPÓRTER. MARIA? MARIA?"

D. AFONSO: Aquelos san os rapazotes que zancaiaram a puorta de ma tumba. Chamai-os acá.

O SACRISTÃO HESITA.

SACRISTÃO: Mas, alteza, são plebeus.

D. AFONSO: Stabam no cunbento! Non san crúzios?! Nun san frailes i armanas? Chamai-os acá, dezi! Nun, iou os chamo. Bou falar por a caixa de speiiios.

REPÓRTER: Para aqui, para aqui. Só um momento, para anunciá-lo, alteza. **(PARA A CÂMARA)** Tenho declarações, posso

entrar no ar? Sim? Ok?

SACRISTÃO: Espere, não foi assim que combinámos.

REPÓRTER: **(PARA O REI)** Está pronto, Alteza? Não se assuste, vai falar aqui e aparecer ali. Tenho de baixar o som. **(PARA A CÂMARA)** São certamente as primeiras palavras do primeiro rei, rei duas vezes, no século XII e no século XXI, em exclusivo para a RTVN. Ainda em convalescença, imobilizado, El-Rei mesmo assim pretende dar umas palavras à nação, mostrando a todos que certamente está vivo e de boa saúde. Dom Afonso Henriques, Dom Afonso I, rei fundador da nação, como se sente?

O REI NÃO PERCEBE A PERGUNTA.

SACRISTÃO: O povo quer saber como está de saúde, depois do infortúnio com as pernas.

D. AFONSO: Ah, ma gâmbia! A beiiarrona brecha na Gâmbia stá mui dorida... mas tenio fé no mando de milagres do cumbento. Em gracias a Dius, bou de biaige a Roma i à Terra Santa, a ser chamado por a beç final à cumpaiia de Dius na Jarusalen ceiestre.

O REI COMEÇA A TOSSIR, CADA VEZ MAIS VIOLENTAMENTE.

Cumpanheiros do cumbento, João, Pedro, Tiago, Mafalda, Teresa, Inês. Beninde acá.

SACRISTÃO: Pronto, já chega, por hoje está muito bem, o rei precisa

descansar. Corta, corta, corta! Ele precisa descansar, já disse!

REPÓRTER: Precisamente, caros telespectadores, dentro de momentos sua alteza receberá a visita do guarda-redes da selecção nacional de futebol, autêntico representante das novas gerações, que vem certamente entregar ao rei uma camisa autografada da selecção, com o número um, certamente, e pedir-lhe que cinja a bola da selecção, que será certamente levada para o campeonato do mundo, em Marrocos e na Tunísia.

SACRISTÃO: Está a ver, ele não pode falar muito, cansa-se logo, é uma infecção respiratória, claro, no tempo dele não havia a poluição que há hoje, nem estes ácaros, estes ácaros! Ele está muito fraco, não está habituado ao ar puro, novecentos anos num túmulo.

CHEGA O GUARDA-REDES DA SELECÇÃO NACIONAL, SEGUIDO DOS SEIS JOVENS.

SACRISTÃO: O que é que vocês estão aqui a fazer?

PEDRO: Foi El-Rei que nos chamou.

SACRISTÃO: Lá fora. O Rei está a descansar. Primeiro o guarda-redes e depois talvez possam falar com ele.

TIAGO: Trazemos isto para ele.

TIAGO MOSTRA O ESCUDO E UMA ESPADA.

REPÓRTER: Geniaaaaaal! Vai ser certamente fantástico!

SACRISTÃO: Onde é que vocês arranjam isso?

TIAGO: O escudo trouxemos da igreja; a espada... esta espada fui eu que fiz, alteza, com o meu avô, na Lousã. Ele é ferreiro.

REPÓRTER: Ponham-se ali, meninos.

O GUARDA-REDES POSA PARA A CÂMARA AO LADO DE UM D. AFONSO PRATICAMENTE INANIMADO E COM OS JOVENS AO LADO.

Os sete de Portugal! Dom Afonso, acorde!

JOÃO: Querem que eu o acorde?

TIAGO: Tá calado!

REPÓRTER: Sua alteza, Alteza, aqui estão eles.

PEDRO: Trouxemos as suas armas, Alteza.

TIAGO: Esta foi a espada mais parecida que encontramos.

JOÃO: Mas o escudo é o verdadeiro.

D. AFONSO: Ah, balientes. Aquesta spada nun cuorta nada... Preciso ma spada. Zancaiaem-me do catre. Stou cansado do afunisgamento. A Jarusalen. **(PARA A REPÓRTER.)** Mestra da caixa de speioos, beninde.

OS JOVENS AJUDAM DOM AFONSO, PERANTE A PERPLEXIDADE DO SACRISTÃO. QUANDO SE LEVANTA, DOM AFONSO ESTÁ ENORME, GRAÇAS ÀS PRÓTESES. DEMORA UM INSTANTE

A HABITUAR-SE MAS LOGO FICA BOM.

- SACRISTÃO: Mas não podem ir embora assim.
- D. AFONSO: Cuitadico... Quien é rei, acá?!
- SACRISTÃO: Alteza, o presidente está à sua espera em Lisboa, para recebê-lo. Vem um helicóptero para levá-lo.
- D. AFONSO: **(PARA OS JOVENS.)** Que é un ilicótro?
- TERESA: É um carro que voa.
- D. AFONSO: Puxado polas águilas?
- INÊS: Não, não, é uma máquina.
- D. AFONSO: Cun alas?
- INÊS: Não... Quer dizer, mais ou menos... São mais umas pás... Como se fossem remos!
- D. AFONSO: E quantos homes a remar?
- MAFALDA: Tem assim um motor... É como se tivesse muitas lamparinas juntas, que fazem muito calor, e o calor faz vento, muito vento, e o vento faz girar a hélice. Tanto vento que nem conseguimos chegar perto. Por isso é que voa.
- D. AFONSO: Tu já biste alguno?
- MAFALDA: Assim de perto... Não. Mas já vi na televisão.
- D. AFONSO: Ah, anton nun sou solo iou que nun no biu nunca un ilicótro!

TERESA: Eu já vi, nos incêndios! Vêm pelo ar e fazem chover!

D. AFONSO: É trabuco bruador de auga puxada a aire?

TIAGO: Alteza, se pararmos para explicar tudo, nunca mais saímos daqui.

D. AFONSO: Leixai el-rei daprender, aguilucho!

SACRISTÃO: Mas então... vai ficar, Alteza? Para ser recebido?

D. AFONSO: Todo a sou tiempo. Iou antederei o presidente, quando iou quera, adonde iou quera. Aora, antoiia-me a ber Coimbra, por o mou próprio pie.

SACRISTÃO: Mas senhor... A deslocação... Lembre-se do que aconteceu na igreja, quando caiu. Ainda não está habituado às pernas novas...

D. AFONSO: Antrasgas mou camino, brugo amurrado?

SACRISTÃO: A saúde do rei não permite que saia assim para a rua. Peço-lhe, alteza, pela sua saúde, fique. Receio que não agente o ar lá fora.

D. AFONSO: Iou quero resfolgar aires de aora! Estou ancerrado há nuobe seclos!

SACRISTÃO: Não posso deixá-lo sair! Perdoe-me, alteza, mas é a sua vida e as razões de Estado que o impedem. Acima de tudo, Portugal!

D. AFONSO: E arriba de Portucale, Dius. Bamos, à Terra Santa!

SACRISTÃO: Se for preciso, darei a minha vida, mas tenho de tentar impedi-lo.

D. AFONSO: Se fora preciso, darias, mas nun purque eu ta pedira, zafigurado. És retrato fiel da sobérbia. Que quieres al cabo, ser el-rei? Poderias talbeç ser rei de ti próprio, mas nun niun pra tal és bastante. nun neum pra bassalo de outro te entregara iou.

SACRISTÃO: Alteza, crede em mim, sou o vosso mais fiel súbdito!

D. AFONSO: Silénço, zafigurado!

O REI DESFERE UM GOLPE QUE DEIXA O SACRISTÃO SEM SENTIDOS. O GRUPO SAI.

Non é mala, esta spada... Mas num cuorta, num cuorta nadica. Adonde stá ma spada? Tenio de ir al pro cumbento!

TIAGO: Não, alteza, a verdadeira espada está na feira medieval, em exposição.

D. AFONSO: Pra benda?!

TIAGO: Não, não! É que o seu sucessor, El-Rei Dom Sebastião, quis levar a espada para uma batalha em Marrocos... Mas depois não levou, e ela agora é usada na feira.

D. AFONSO: Por a spada, bamos. E açpuis, al pra Jarusalen. **(PARA O GUARDA-REDES.)** Queda acá i guarda o zafigurado, receboioos.

MAFALDA: Vamos!

**PARTEM DEIXANDO A REPÓRTER E O GUARDA-
REDES PARA TRÁS.**

REPÓRTER: Esperem por mim!

VAI ATRÁS DELES.

CENA 4

NA ESTRADA. OS RAPAZES PUXAM O CARRO. A REPÓRTER FILMA TUDO.

D. AFONSO: Non senten a liberdade da peregrinaçon, cumpanheiros? Bamos, quero ir ber las augas adonde me banhaba quando era nino.

REPÓRTER: Caros telespectadores, estamos a acompanhar em directo a peregrinação de El-Rei Dom Afonso Henriques à Terra Santa, certamente em louvor a Deus pela sua ressurreição.

A DIFICULDADE EM RESPIRAR VOLTA. TOSSE.

D. AFONSO: Aires fediondos! Que camino negro é este?

MAFALDA: Isto é Portugal, agora há estradas.

JOÃO TENTA DESVIAR-SE DE UM AUTOMÓVEL.

JOÃO: Cabrão, filho da puta!

D. AFONSO: (**TOSSINDO.**) Aqueioo é un ilicótro?

TERESA: Não, não, aquilo é só um carro.

D. AFONSO: I os boios?

JOÃO: Um estava ao volante!

TERESA: Aquele carro tem uma caixa que faz uma explosão e ao explodir faz as rodas girar.

D. AFONSO: Spluson?

PEDRO: É uma espécie de pólvora, mas líquida.

D. AFONSO: Pólbara de qué?

TIAGO: Pólvora é um pó que explode, faz assim: PUM! E mata pessoas.

D. AFONSO: PUN!?

TIAGO: Isso: PUM!

JOÃO: PUM!

PEDRO: PUM! PUM! PUM!

TIAGO: Com isso fazem-se bombas. E depois com as bombas morrem pessoas.

D. AFONSO: Cumo o speiioo de Jarusalen!

REPÓRTER: El-Rei discute questões de política internacional com este grupo de jovens que escolheu para o acompanhar, representantes das novas gerações.

D. AFONSO: Adonde stan os portucalenses, que nun se bé nium por os caminos?

INÊS: Não sei... talvez tenham proibido...

MAFALDA: Estão todos na feira medieval...

TIAGO: ou a ver televisão...

CHEGAM AO MONDEGO.

D. AFONSO: I nun no hai batéis nas augas... Persinto amalinamento...

MAFALDA: As pessoas agora viajam de carro ou de caminho-de-ferro.

D. AFONSO: Caminos de ferro? Pra carros i cabaioos?

TIAGO: Não, os caminhos-de-ferro têm comboios.

D. AFONSO: Camboios de cabaioos?

TIAGO: Não, comboios de carruagens... De carros. Carros como cavalos de ferro.

D. AFONSO: Cabaioos que tem gâmbias de ferro? Cumo iou?

TIAGO: Mais ou menos...

D. AFONSO: Bou dar un merguioo.

REPÓRTER: D. Afonso e a sua comitiva fizeram agora uma paragem certamente para contemplar o Mondego. Os jovens estão a descrever ao ressuscitado rei as mudanças que aconteceram desde há novecentos anos, certamente.

DOM AFONSO MERGULHA NO RIO.

REPÓRTER: El-Rei pretende certamente apanhar um comboio em direcção a Lisboa, de onde certamente entrará a bordo de um avião com destino a Jerusalém. A força aérea tinha já pronto um helicóptero, mas El-Rei pretende certamente contactar com a população ao longo da viagem. Mas... antes ainda, o Rei mata saudades, certamente, do rio que o viu crescer. Sua Alteza mergulhou nas águas do Mondego.

O REI REGRESSA PASSADO UM POUCO.

D. AFONSO: Morro de fame.

PEDRO: Nós não temos mais hambúrgueres.

JOÃO: Nem dinheiro.

D. AFONSO: I naquel casteioo quelorido, nun daran trato i quemido!?

MAFALDA: É um shopping.

JOÃO: Tem comida, mas precisamos de dinheiro.

D. AFONSO: Un chópín?

INÊS: Tem lojas lá dentro, como se fosse uma feira. Mas moderna, com muitas coisas diferentes para mercar.

TERESA: Como este telemóvel.

INÊS: Com isto podemos falar uns com os outros mesmo se um estiver aqui e outro em Jerusalém.

D. AFONSO: Mas... o mundo nuobo é marabiooso!

TIAGO: Bom, é preciso dinheiro para que seja maravilhoso.

JOÃO: Ou pólvora.

D. AFONSO: Noutros tiempos, antoiaria-me montar cerco i tomar d'assalto tal casteioo. Purmeiro, percurar aliados. Mas cun tanta riqueza a gente de to la cristandade curraria al pra acá, nuobos cruzados, pra cunquistar riquezas. Depois, asperar ouportunidade.

JOÃO: Para assaltar o shopping?

D. AFONSO: A la reconquista. Purmeiro Coimbra. Depois Santarén. pra tomar Lisboua, percisamos tener Santarén na mano. Se teniamos a cabalaria de Santarén, entraramos an Lisboua sin pedir outorizaçon.

PEDRO: Mas nós ainda andamos na escola. Temos de voltar na segunda-feira.

D. AFONSO: Clarico, clarico, purmeiro bós habieis de daprender a lutar. A ber se fateixábeis. I por o camino angacharíamos otras gentes. Podie ansinar-bos a manejar la spada cumo cabaleiros... Noutros tiempos. Aora, antressa a paz com o criador. Jarusalen chama.

TIAGO: Mas porquê Jerusalém?

D. AFONSO: Jarusalen é çtino de todos os crestianos, inda mais de reis cumo iou, que lutáran toda bida por a cristandade. Foi alá que Cristo marchou ao céu, nun foi? Pous bou alá leixar mas armas i ancontrar a redençon al cabo. Qu'outra rezon haberia pra iou bibir dos bezes? Dius acuordou-me a marchar al pra Jarusalen.

MAFALDA: Vossa Alteza terá as suas razões para ir embora... Mas... Nós precisávamos de um rei aqui.

D. AFONSO: Para qué?

MAFALDA: Para mudar as coisas.

D. AFONSO: Nun bou ser rei outra beç.

MAFALDA: Para governar melhor.

D. AFONSO: Nun, bós teneis un rei, cun tal nome ó cun otro.

MAFALDA: Nós precisamos de um rei para protestar.

INÊS: Sim, para sair à rua!

TERESA: Dizer as coisas que estão mal.

D. AFONSO: Mas quei stá mal? Iou solo beijo marabiias: caixas de speiioos de cidades, cabaioos cun gâmbias de ferro, máquinas de bento i chuba... Ilicótro!

TIAGO: Por exemplo: o hambúrguer que vossa alteza comeu. Esse hambúrguer custou dois euros. Mas o meu primo, que vive na Venezuela, diz que lá, o mesmo hambúrguer só custa um euro. E no Luxemburgo, onde vivem os pais de um amigo meu, custa três euros e meio. Ora, parece que é mais caro no Luxemburgo e mais barato na Venezuela, mas não é, porque os salários no Luxemburgo são mais altos que em Portugal e na Venezuela são mais baixos. E são os mesmos portugueses a comer os mesmos hambúrgueres. Porque é que os preços são diferentes? E a única conclusão a que chego é que na Venezuela um hambúrguer é uma comida de luxo, e no Luxemburgo é lixo. Por isso é que eu acho que os preços das coisas só servem para separar os ricos dos pobres e...

D. AFONSO: O mior é proibir as hambúrgueres i comer outras cousas, anton.

JOÃO: Não!

PEDRO: Eu gosto de hambúrgueres!

TIAGO: Os hambúrgueres deviam era ser gratuitos!

D. AFONSO: Ouçan... iou stou bibo, mas bieioo, tan bieioo que sam pertença de otro mundo. Quero çcansar... La luita é pra mius sucessores.

PEDRO: Lutar como?

JOÃO: Fazer o quê? Nós? Ninguém nos ouve.

PEDRO: E se protestamos demais ainda arranjam os problemas.

JOÃO: Mais vale comer e calar.

PEDRO: Sozinhos?

D. AFONSO: O mior rei é rei de si mesmo. Bós teneis de scoier a bossa forma de lutar.

TIAGO: Eu quero aprender a usar uma espada!

D. AFONSO: Seja, bou ansinar-bos o que sei sobre spadas. Bou ansinar-bos cumo lutar: o berdadeiro bencedor nun percisa d'amostrar la spada.

COMEÇA A OUVIR-SE UM HELICÓPTERO.

D. AFONSO: Que ouço?

MAFALDA: Um helicóptero!

TIAGO: Vieram atrás de nós!

TERESA: Ai e agora!?

INÊS: Vamos embora!

JOÃO: Corram!

PEDRO: Esconda-se, Alteza!

MAFALDA: Que tem o Rei?

TIAGO: Alteza! Alteza!

D. AFONSO: Nun cunsigo andar! Gâmbias beiiarronas!

PEDRO: Enferrujaram!

JOÃO: São as pilhas!

D. AFONSO: Bamos, lebem-me dacá!

TIAGO: Para a feira medieval! Deve estar cheio de gente, não se atreverão a fazer mal ao rei!

REPÓRTER: Sua alteza vai certamente em direcção à Feira Medieval, onde se procederá à cerimónia oficial de entrega da espada ao rei, antes de seguirem certamente para Roma, onde será recebido certamente pelo Papa, e para a Terra Santa, onde espera certamente reunir com representantes da Autoridade Palestiniana e de Israel.

CENA 5

DOM AFONSO E O GRUPO CHEGAM À FEIRA MEDIEVAL. A REPÓRTER ESTÁ ESCONDIDA, COM O CÂMARA AO LADO. PREPARAM-SE PARA FILMAR TUDO. O GRUPO CHEGA. DOM AFONSO VEM A COLO, MUITO FRACO.

- TIAGO: Anuncia o rei, João!
- JOÃO: O verdadeiro rei vai falar! É chegar, minha gente, venham escutar o verdadeiro D. Afonso I, ressuscitado ao cabo de novecentos anos, ouviu bem, novecentos anos, é chegar, minha gente.
- TIAGO: Aqui está, alteza.
- D. AFONSO: Mas... esta nun é a ma spada. É mui grã. Fora eu gigante para fateixar pintiparado!
- TIAGO: Mas não usavam esta espada?
- D. AFONSO: Clarico nun! Muntábamos a cabaiioo, i subíamos scaleiras, i pinchábamos fossas, as spadas eram ligeiras! Bien afiladas, mas lebes, que as anganchabamos na buoca i todo. Debe star noutro lugar.
- MAFALDA: Talvez essas espadas sejam só para decorar os castelos.
- D. AFONSO: Adonde as otras spadas?
- TIAGO: Não há mais, Alteza. Mas não é esta, de certeza? Talvez não se lembre bem...

D. AFONSO: Clarico nun. Sentiste o peso? San percisos três homes pra pegar neila!

TIAGO: **(PARA OS RAPAZES.)** Vamos tentar?

TERESA: Cuidado! E o alarme!?

PEDRO: Estás a brincar? Eles nem têm guarda!

INÊS: Pois!

JOÃO: Não têm dinheiro para a electricidade, quanto mais para instalar um alarme!

OS RAPAZES RETIRAM A ESPADA DO LUGAR.

D. AFONSO: Nun, rapazotes, fuorça! Ai... Mas gâmbias nun ajudan... Quem dera ma gâmbia fodeida a estas dos gâmbias de ferro, tan stranhas san a mou cuerpo. I bós son mui poucos... Percisaba gente...

TIAGO: Deve haver uma maneira de usar a espada...

PEDRO: Deixa ver.

JOÃO: Tá quieto, puto, eu é que vejo!

TIAGO: Calem-se!

D. AFONSO: Cumo bou iou al pra Jarusalen, sin spada?...

MAFALDA: Mas, Alteza, porque é a espada tão importante?

D. AFONSO: Iou solo quero çcansar... Ma spada foi benzida por San Teotónio... Mui sangue d'anfiel foi derramado por eila. I,

beç por otra, sangue crestiano. Sangre é sangue. Fiz promessa a San Teotónio de rumar à Terra Santa pra redimir mous pecados i purificar ma spada...

O SACRISTÃO REVELA-SE. VEM VESTIDO DE REI.

SACRISTÃO: Eu posso ajudar.

JOÃO: É chegar, minha gente! O verdadeiro duelo entre D. Afonso do futuro e D. Afonso do passado!

MAFALDA: Agora não, estúpido! Não vês que este é o Sacristão?!

TIAGO: Ajudar, como?

SACRISTÃO: A verdadeira espada, leve e pequena, tenho-a eu. Esteve sempre comigo. Nunca foi a Marrocos. Quando D. Sebastião viu o tamanho da espada achou tão ridículo que mandou fazer essas e deixou a verdadeira para trás, com os crúzios, e fê-los prometer segredo. Não ficava bem a um rei herdeiro de D. Manuel e conquistador do mundo inteiro ter uma espada tão pequenina. Terei muito gosto em entregá-la, se vier comigo.

TIAGO: Nem pensar!

SACRISTÃO: O presidente está aqui, e pede uma palavrinha a sós com sua alteza. Gostaria de propor que sua alteza se instalasse no Mosteiro dos Jerónimos, para recuperar forças, com todas as honras de Estado.

MAFALDA: Não vá!

TIAGO: Eles querem enfiá-lo de novo no túmulo!

D. AFONSO: Medo a morrer nun nium, esse medo morreu nuobe seclos atrás. **(PAUSA)** Enfateixai-bos, zanfigurado, i debilbei a spada sagrada de tou amo.

SACRISTÃO: Não quero combater com uma sombra. O lugar de Afonso Henriques não é hoje, aqui. Quem conquistaríamos? Vivemos um tempo de paz. Como nos dedicaríamos a Deus? El-Rei quer ir para o meio da guerra da Palestina! Não, D. Afonso deve viver apenas na memória.

D. AFONSO: **(PARA TIAGO.)** Aguilucho, sará perciso atuar cun coutela. Alancar, alancar. O paíç stá acupado, mas nun tu e iou. Sará perciso asperar até stares capaç do ataque. Fazeremos cumo iou al pra Santarén: surpresa i segredo. Quando eiles menos asperáren, zás-trás-catrapás!

SACRISTÃO: Alteza, retire-se, tal como fez quando entregou o reinado a D. Sancho. Eu sou o seu sucessor moderno, sou o seu filho, também.

D. AFONSO: É hora de pegar palos i candeias, se nun angancharmos ni spadas ni scudos, pra tener la libardade de buolta. Percurar aliados: al pra Soure, falar cus templairos. Al pra Braga, por os cunseioos a João Peculiar!

TIAGO: Mas passaram novecentos anos, Alteza!

D. AFONSO: I nun haberá nuobos templairos i nuobos jones nesses lugares, assi cumo hai nuobos anfiéis nestes dacá?! Bamos! Al pra mundo! Bamos correr o paíç a percura d'homes i

muiieres!

SACRISTÃO: Não estranhou as ruas estarem vazias? As gentes estão com medo das revoltas. Com medo que o chamamento de Dom Afonso na feira seja o rastilho para a violência que muitos querem aproveitar. Se houver violência, a polícia vai ter desculpa para intervir e quando dermos por ela o mais parecido que vamos ter com um microfone ou um megafone é levar com um cassetete na boca.

D. AFONSO: Nun sou iou un heirói que çperta tantos imigos? Stou bibo, porque sou uma lenda, un mito, diz o libro do aguilucho. Tenio as gâmbias toidas, nun stou pra guerrear ni pra cabalgar, mas pra spaiaar a palabra, pra esso sirbo!

SACRISTÃO: Alteza, quereis o país a ferro e fogo, com declarações destas? Há muito nervosismo nas pessoas, a crise está em todos os lares, há fome, há miséria, há muita gente nas ruas, isto é uma bomba-relógio, estamos sentados em cima de uma panela de pressão que pode rebentar a qualquer momento!

D. AFONSO PEGA NA ESPADA ROMBA QUE TIAGO LHE DERA, MAS O SACRISTÃO DERROTA-O FACILMENTE, APLICANDO-LHE UM GOLPE NAS PERNAS DE FERRO.

D. AFONSO: Ai, fodeides ma gâmbia! Homes, fugi, fugi! (PAUSA)
Adonde stou? Acudi bosso rei! Ande stou iou?

O SACRISTÃO ARREPENDE-SE.

Alteza! Meu Deus, o que fui fazer! Perdão, Alteza, perdão!
Ai meu Deus! Pronto, acabou. Vocês são da Lousã, não é?
(PARA TIAGO) Tu ajudavas à missa quando eras mais pequeno, que eu sei. Deviam ter ido para casa quando eu mandei.

JOÃO: Nós somos figurantes da feira.

SACRISTÃO: Depressa, ajudem-me a levá-lo.

TIAGO: NOOOOOOON! Beninde acá, cabron, beninde, porbar a lámina que bos bai fatilar a lengua e esboucelhar os dientes! Por Anriqueç, fi de Anrique!

TIAGO PEGA NA ESPADA DE GIGANTE, RODANDO-A COMO UMA MASSA POR CIMA DA CABEÇA, E ATACADO O SACRISTÃO FÁ-LO PERDER OS SENTIDOS.

JOÃO: O verdadeiro... o falso... O verdadeiro derrotou o falso! É chegar, minha gente, é chegar!...

OS RAPAZES PÕEM O REI NO CARRINHO E FOGEM.

TIAGO: Vamos embora!

D. AFONSO: Nun, ninos, nun! Perciso çcansar. Al pra eigreja!

DOM AFONSO É TRAZIDO PELOS RAPAZES. A REPÓRTER AINDA CONSEGUE ENTRAR MAS É MANDADA EMBORA PELAS RAPARIGAS, QUE BARRICAM A PORTA.

REPÓRTER: Dom Afonso I, como se sente, como se sente?

INÊS: Está muito bem, obrigado. Agora, tchau!

REPÓRTER: Só umas imagens!

MAFALDA: Não, ele não quer ser filmado!

TERESA: Nem quer dizer nada, só quer ser deixado em paz!

REPÓRTER: Isto é um atentado conta a liberdade de imprensa. Querem fazer este país voltar ao tempo da opressão?!

TODAS: CERTAMENTE!

TIAGO: Ficamos aqui um pouco e depois vamos embora.

D. AFONSO: Nun, leixai, leixai El-rei em paz.

TIAGO: Mas, alteza, se ficarmos na Igreja eles vão apanhar-nos.

D. AFONSO: Qual o peligro, Aguilucho? Alá drento nun me fará mal nium bibo. Cuntinarei mou assombramento cun ma stória, até seguir biaige al pra Jarusalen celestre. As gâmbias stan anfetás i zanferrujadas... Dan dores sin atadero. Bamos fazer de nuobo cumo fiç cun mou fi Sancho, tenia quinze anios; sperei até tener fateixado homes i fuorças. Nun cunsequimos Badajoç, mas cunsequimos Portucale.

JOÃO: Temos que lhes dar luta!

PEDRO: Mas se nós também não temos força...

D. AFONSO: Daprendan a lutar, mas nun solo cun armas ni solo cu cuorpo. Essas nun son las fuorças de fracos. Astúcia,

ansubmisson, apressentimento, si.

MAFALDA: Mas nós precisamos de um rei.

D. AFONSO: **(DESIGNANDO TIAGO.)** Teneis acá tou rei, Mafalda, i sous cunsieiros. Iou al cabo san bagabundo, sin abrigo neste tiempo de acá.

DOM AFONSO ENTRA NO TÚMULO.

JOÃO: Vamos fazer torneios para pedir apoios! Na feira medieval!

PEDRO: Isso. Vamos para a Feira, vamos miná-la, vamos usá-la para falar de hoje. Eu já estive a pensar num guião para um musical da Feira Medieval, com canções originais.

SILÊNCIO CONSTRANGEDOR.

D. AFONSO: Aqueia feira era de mou tiempo... Música, si. Rezen por mi. Stou siempre a oubir. Ban por os caminos!

D. AFONSO DEITA-SE. OS RAPAZES PREPARAM-SE PARA EMPURRAR A LAJE QUANDO D. AFONSO FALA DE NOVO.

Mou scudo? Ma espada?

OS RAPAZES DEPOSITAM O ESCUDO E A ESPADA LÁ DENTRO. DE LÁ DE DENTRO SÃO DEVOLVIDOS UM COPO DE COCA-COLA E UM PAPEL DE HAMBURGUER.

A chicha mole anfastigou-me a tripa... Stou cun tal azoirro dos anfernos... Próxima beç, nun quero hambúrgueres,

oubides?

**A LAJE FECHA-SE. O SACRISTÃO VOLTA,
SANGRANDO E COXEANDO.**

SACRISTÃO: Alteza...? Alteza? Alteza!

D. AFONSO: Leixai-me drumir... solo mais cinco anicos...

FIM